



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação em JORNALISMO
Professor Orientador: Sidnei Volkmann

KÁTIA DE PAIVA GOMES

**UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO POLÍTICO NAS REPORTAGENS SOBRE O
DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA**

BRASÍLIA
2008

KÁTIA DE PAIVA GOMES

**ESTUDO DE CASO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O
DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA**

Projeto apresentado como exigência
do Curso de Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília para
obtenção do diploma de Graduação.
Orientador: Sidnei Volkmann

**BRASÍLIA
2008**

KÁTIA DE PAIVA GOMES

**ESTUDO DE CASO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O
DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA**

Projeto apresentado como exigência
do Curso de Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília para
obtenção do diploma de Graduação.
Orientador: Sidnei Volkmann

Banca Examinadora

Prof. Sidnei Volkmann
Orientador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

Prof. Ana Paula Ferrari
Examinadora

Brasília, junho de 2008

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha mãe, irmão e familiares pelo apoio fundamental nessa jornada. Aos professores que tanto me ensinaram, aos amigos que me acompanharam durante todo esse processo de aprendizado e que ficarão marcados em minha vida. Em especial, quero agradecer meu grande amigo e parceiro de todas as horas Washington Oliveira, por ter tornado o dia-a-dia acadêmico muito mais agradável e pela convivência durante esses quatro anos.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o discurso da imprensa sobre a questão ecológica, estudando o caso do desmatamento da Amazônia. Procura-se identificar quem são os protagonistas desse discurso, bem como os agentes que estão excluídos dele. Também analisa como o texto foi construído e a abordagem acerca do desenvolvimento sustentável e econômico. A pesquisa foi realizada através da leitura e análise das matérias dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, no período de 16 de janeiro a 28 de fevereiro de 2008, sobre as quais foi aplicada a técnica de Análise de Discurso.

Palavras-chave: desmatamento, Amazônia, discurso ecológico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 – REFERENCIAL TEÓRICO	
1.1 – Rio-92: abertura da discussão ecológica	3
1.2 – Influência social da mídia	4
1.3 – Desafios da cobertura.....	5
1.4 – A natureza como mercadoria.....	7
1.5 – Desenvolvimento sustentável e o paradigma homem x natureza.....	9
1.6 – ONGs: o surgimento dos movimentos ambientalistas no Brasil.....	11
2 – METODOLOGIA	
2.1 – Análise do Discurso: principais pensadores	13
2.2 – Relatório de Desmatamento da Amazônia, um estudo de caso	15
2.3 – Síntese das matérias analisadas	18
2.4 – Organização dos agentes do discurso ecológico nos jornais	18
3. ANÁLISE DOS DADOS	
3.1 – O Estado de S. Paulo	20
3.2 – O Globo	33
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	38
ANEXOS	40

1. Introdução

Essa pesquisa tem como horizonte a análise da cobertura de meio ambiente nos meios de comunicação, mais especificamente nos jornais impressos *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, no período de 15 de janeiro a 28 de fevereiro, na busca de compreender a leitura de diferentes atores sociais sobre o desmatamento da Amazônia. Através da técnica da Análise de Discurso, a pesquisa teve como base analisar a divulgação do Relatório de Desmatamento da Amazônia, realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), com o objetivo de demonstrar as incoerências geradas pela dualidade “desenvolvimento econômico” *versus* “desenvolvimento sustentável” e as incoerências promovidas pelo governo e divulgadas pela imprensa.

O que se pode observar na leitura dos jornais é que muitas vezes os temas relacionados ao meio ambiente são discursos políticos e econômicos, que dão enfoque nas divergências do governo e no sensacionalismo de dados em que fica constatado a utilização da problemática ambiental como simples disputa de poder.

Devido à importância da imprensa escrita brasileira como formadora de opinião, o trabalho de jornalistas na cobertura desse tema não pode ser restrito. O tema vem merecendo crescente importância nas pautas dos veículos de comunicação e se trata de um tema muito abrangente e importante para a sociedade.

A mídia, que tem como papel principal defender os interesses públicos, tem mostrado cada vez mais estar a serviço de interesses empresariais e de mercado e negligenciado o lado social que envolve a sustentabilidade, como a pobreza e falta de perspectivas de vida da população que mora em áreas mais isoladas. É preciso dar voz à população, inseri-la no debate público.

É imprescindível o olhar crítico da comunicação social em torno de projetos que falam em desenvolvimento, mas promovem exclusão social e destruição da natureza. O interesse desta pesquisa segue em sentido contrário ao das coberturas midiáticas em curso, o de mostrar que existe outro lado que também merece atenção, que é o lado social.

A importância da mídia como formadora de opinião é de fundamental importância em um processo de transformação, para dar visibilidade aos riscos que o uso inadequado das riquezas ambientais pode gerar no nosso país.

O tema dessa pesquisa foi identificado com muita facilidade, devido ao meu interesse particular pelo assunto, despertado pelo trabalho que realizei durante um ano na Rádio Nacional da Amazônia, onde fui apresentada a esse mundo tão desconhecido e novo e tive a oportunidade de conhecer um pouco essa realidade. Foi também durante a realização desse trabalho que pude perceber o destaque dado pela imprensa a dados oficiais e a politização da abordagem.

1. Referencial Teórico

1.1- Rio-92: abertura da discussão ecológica

A II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, conhecida mundialmente como Rio-92, foi realizada em 1992 no Rio de Janeiro. Nessa ocasião foram discutidas formas de controle e preservação da natureza e seu desenvolvimento sustentável. A conferência foi a maior reunião de chefes de Estado da história da humanidade e contou com a presença de cerca de 117 governantes de países tentando buscar soluções para o desenvolvimento sustentável das populações mais carentes do planeta (<http://rpc.br.tripod.com/artigos/rio92>).

A reunião foi acompanhada pelo mundo inteiro e teve a participação da sociedade e de cerca de 22 mil pessoas, pertencentes a mais de 9 mil organizações não-governamentais, que estiveram presentes nos dois principais eventos da Conferência: a reunião de chefes de Estado, Cúpula da Terra, e o Fórum Global, promovido pelas ONGs. Acordos e protocolos foram firmados durante a Conferência, o mais importante deles é a Agenda 21, que seria um compromisso das nações a adotar métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. (<http://rpc.br.tripod.com/artigos/rio92>).

Agenda 21: Documento que se propõe a traduzir em ações o conceito de desenvolvimento sustentável, a agenda 21 teve a contribuição de governos e organizações da sociedade civil de 179 países, num processo preparatório que durou dois anos e culminou com sua aprovação na Rio-92. É um plano de ação a ser adotado globalmente, nacionalmente e localmente para promover um novo modelo de desenvolvimento. (Trigueiro (org.), 2003, pág.334)

A proposta firmada comprometia os países a reduzir até o ano 2000 suas emissões de gás-carbônico. O Brasil foi o primeiro entre 186 países, além da Comunidade Européia, que até o ano 2001 ratificaram a Convenção. (Disponível em www.scielo.br, acessado em 08/03/2008).

Após a Rio-92 ter sido realizada no Brasil, a cobertura ambiental ganhou espaço de destaque na grande mídia brasileira e internacional e acendeu nos jornalistas o interesse em descobrir mais sobre o futuro do nosso planeta. Com base nesse interesse, é crescente a cobertura desse tema nos jornais, o que gera a

necessidade de tentar compreender como essas pautas tem sido abordadas e como tem sido construído o discurso ambientalista no dia-a-dia das redações.

A exemplo desse crescimento na demanda ambiental foi fundada em 1998, a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJS) e a Associação Brasileira das Mídias Ambientais (Ecomídias), com o objetivo específico de debater o jornalismo ambiental no Brasil. Atualmente 300 jornalistas integram a Rede. (Disponível em www.comunicacaoambiental.com.br, acessado em 08/03/2008)

Nas palavras da então ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, “nós estamos dentro de um movimento global de mudanças dos paradigmas e da própria vida e é papel do jornalista pensar seus saberes como desafio de comunicação” (TRIGUEIRO, 2003, pág. 20).

1.2 - Influência social da mídia

As informações ambientais chegam à sociedade principalmente pela grande imprensa, que muitas vezes defende a opinião da própria empresa e não procuram mostrar as diversas questões sociais, políticas e econômicas interligadas em determinado acontecimento. E chegam também através das mídias especializadas.

Nas palavras do jornalista e ambientalista Vilmar Berna, “a informação de qualidade é ferramenta indispensável para a formação e mobilização da cidadania ambiental. Por outro lado, informação mentirosa, incompleta, pode levar à desmobilização da cidadania”. Para Berna, as duas mídias são complementares:

Os veículos da grande mídia dispõem de recursos que a mídia ambiental não tem. Por exemplo, na cobertura de um grande acidente ecológico, quando o interesse dos veículos não especializados dura o tempo em que o problema ambiental permanece visível. Já a mídia ambiental tende a manter o assunto na pauta mesmo depois de passado o problema, oferecendo à opinião pública uma análise mais aprofundada sobre as consequências, responsabilidades, desdobramentos. (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007).

Ideologicamente as mídias são muito diferentes entre si. A grande mídia tem papel importante na sociedade, tem um maior poder de influência na opinião pública, mas tendem a reproduzir o discurso dominante. Já as mídias alternativas normalmente são mais críticas e oposicionistas. “Existem exceções em ambos os lados, mas que apenas confirmam as regras” (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007).

A sociedade precisa de informação ambiental a fim de fazer escolhas melhores entre as diferentes alternativas, mas não se dispõe, pelo menos ainda, a comprar esta informação. A mídia ambiental brasileira ainda é uma ilustre desconhecida da sociedade em geral. Não é à toa que o pensamento dominante na sociedade ainda considera a poluição e a degradação ambiental como preços a pagar pelo progresso. Apesar de falso, este pensamento tem contribuído para a desmobilização da cidadania e para a perpetuação do atual modelo dominante. (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007).

Como forma de esclarecer a presença dos silêncios e vazios no discurso das mídias sobre a questão ambiental está a não-representação do cidadão comum como agente ativo e participante das políticas sociais. Nas palavras de Charaudeau (2006, pág.29), “na máquina de fabricar sentido social, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva e descoberta da verdade”.

As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. (Charaudeau, 2006, pág.19).

1.3 - Desafios da cobertura

A cobertura ambiental traz desafios e também armadilhas para o jornalista, principalmente com a utilização de jargões científicos, como efeito estufa, ecoeficiência, manejo, defensivo agrícola, entre muitas outras, que são termos técnicos desconhecidos por parte da população. Charaudeau também faz uma crítica ao sistema democrático que não permite o acesso à informação a todos os atores sociais:

A democracia nasce de várias contradições: é preciso que o maior número de cidadãos tenha acesso à informação, mas nem todos se encontram nas mesmas condições de acesso [...] é preciso que os cidadãos possam expressar-se, dar sua opinião, é preciso ainda que essa palavra se torne pública por intermédio das mídias. (Charaudeau, 2006, pág. 86).

A jornalista Diane Jukofsky (2003) da Costa Rica critica a discussão do meio ambiente fora dele, dentro de salas ou hotéis. Segunda ela, as Ongs deveriam oferecer aos jornalistas viagens de campo para que eles possam ter mais proximidade com o fato na hora de noticiá-lo.

É mais efetivo mostrar diretamente aos jornalistas os efeitos do desmatamento, e proporciona-lhes contato com as vítimas, que descrever

as conseqüências do desaparecimento de uma mata virgem na elegante sala de conferências do hotel da cidade. (JUKOFSKY, Diane, 2003)

Jukofsky também critica a falta de sensibilidade dos repórteres ao utilizar jargões científicos e restringir suas matérias à divulgação de escândalos e notícias sem equilíbrio.

Roberto Villar, coordenador da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, fala sobre os veículos que cobrem meio ambiente e seus discursos:

“A melhor cobertura sempre foi do grupo Estado. Desde a época do Randau Marques, que até a Rio 92 escrevia no Jornal da Tarde. A cobertura da Agência Estado é muito boa. As piores barbaridades são da Veja, o que não é exclusividade da área ambiental. Apesar do grande número de notícias que são publicadas, em geral as matérias na imprensa brasileira são superficiais, sem contexto. (JUKOFSKY, Diane, 2003)

Adalberto Marcondes, coordenador da EcoMídias, fala sobre um ponto importante na comunicação moderna, a velocidade da informação e receptividade dessas notícias pela população jovem.

O sentido de urgência da juventude, a sensação de rapidez das tecnologias da informação e o discurso da eficiência dos atores econômicos não correspondem à capacidade da sociedade de gerar soluções para o desenvolvimento. Não este do crescimento dos índices econômicos, mas sim o crescimento sustentável onde as atividades econômicas tenham por fim não apenas garantir o lucro dos acionistas, o que é legítimo, mas também cumprir objetivos e metas sociais, de sustentabilidade em seu tripé econômico, social e ambiental. (www.abert.org.br, 10/12/2006)

André Trigueiro diz que, com o avanço tecnológico e o surgimento nas redações das notícias em tempo real, as informações a longo prazo perderam seu valor. Nas palavras de Trigueiro “a sociedade tem se tornado cada vez mais imediatista, o que vai acontecer daqui a algumas décadas tem cada vez menos importância. É essa avalanche de informações que perturba nossa capacidade de discernir e entender a complexidade do mundo moderno com um olhar sobre aquilo que é essencial” (Trigueiro, 2003, pág. 80). Segundo Ciro Marcondes Filho (2000, p.36),

O registro dos fatos e dos acontecimentos ocorre num ritmo cada vez mais frenético que vem determinando mudanças até no perfil do jornalista. Hoje bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícia do que aquele que mais sabe ou melhor escreve.

A construção da notícia ambiental na mídia é uma filtragem do mundo em divisões de áreas temáticas, através de um contexto ideológico formulado pelo autor, que consiste em produzir informações e ao mesmo tempo opinião (Orlandi). Nessa divisão, o cidadão ainda é visto como minoria nas pautas de jornais e quando são ouvidos, muitas vezes são retratados como reivindicadores e manifestantes. Ao contrário das fontes que estão ligadas de modo direto ao fato, como representantes do governo e de multinacionais.

Vilmar Berna comenta a importância de fornecer informação de qualidade:

Quando falo de informação ambiental de qualidade falo de uma informação que mostre os fatos geradores da crise ambiental, para que as pessoas tomem consciência e possam atuar sobre as causas e não apenas sobre os efeitos. Um tipo de informação que mostre as raízes dos nossos problemas ambientais e não apenas que reforcem uma visão romântica do quanto a natureza é linda ou é vítima de nossa ganância. (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007).

Trigueiro fala da dificuldade dos jornalistas que fazem cobertura ambiental em não serem ludibriados com o falso marketing das empresas.

Quando uma siderurgia instalada no Brasil investe em reciclagem de água, filtros de última geração, o jornalista escalado para contar essa história tende a perceber como notícia a conversão da companhia à causa ambiental, sem perceber as diretivas de um mercado cada vez mais exigente, principalmente nos países ricos, onde os consumidores rejeitam produtos que não tenham selo verde (Trigueiro, 2003, pág. 84).

1.4 - A natureza como mercadoria

A politização da natureza é dada a partir do momento que o discurso das mídias acerca do meio ambiente não passa de retórica política. É papel da imprensa informar à sociedade sem cair no senso comum ou na demagogia dos próprios governantes. Devido ao poder de influência que a mídia exerce sobre a opinião pública, a forma como as notícias ambientais são divulgadas deve privilegiar o enfoque mais científico e menos político, e perceber a realidade dos fatos de forma mais abrangente. Trigueiro diz que muitas vezes a questão ambiental é lembrada apenas como um componente econômico.

Economia é o assunto da moda num mundo onde a voz da mídia muitas vezes se confunde com a voz do mercado. A mídia hoje é a fala da moeda, do capital que lhe sustenta. É a boca do deus mercado. É ela que possibilita

que ocorra a globalização, que tem como base o sistema de telecomunicações. (Trigueiro, 2003, pág. 83)

Na opinião de Vilmar Berna, a existência de uma mídia ambiental alternativa e independente é fundamental numa democracia para assegurar que nenhum grande grupo econômico ou político possa deter o controle dessa informação ambiental de qualidade.

Na raiz de nossos problemas ambientais existe um modelo econômico de apropriação dos recursos naturais para gerar concentração de renda e riquezas e que tem produzido, por todo lado, miséria e pobreza e, por outro, degradação ambiental e esgotamento dos recursos naturais. Ao divulgar os problemas ambientais, a mídia naturalmente ameaça privilégios e interesses poderosos. (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007).

Seguindo a linha de Maingueneau, (2001, pág.34), a imprensa precisaria seguir duas leis para fornecer à sociedade a informação de forma adequada e completa:

A lei da pertinência estipula que uma enunciação deve ser maximamente adequada ao contexto em que acontece, deve interessar ao destinatário, fornecendo-lhe informações que modifiquem a situação. A lei da informatividade incide sobre o conteúdo dos enunciados e estipula que não se deve falar para não dizer nada e que os enunciados devem fornecer informações novas ao destinatário. (Maingueneau, 2001, pág.34).

Segundo o Relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991, pág.13), o desafio do Desenvolvimento Sustentável surgiu como uma alternativa a um estilo de desenvolvimento “ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto” associado ao processo de industrialização e urbanização do país.

Alguns dos grandes desafios, que estão fortemente relacionados à degradação ambiental e à destruição dos recursos naturais, são a pobreza, a busca de crescimento econômico à custa da natureza e a falta de controle de países nacionais e internacionais na preservação do meio ambiente.

A população mais pobre, que depende dos recursos da natureza para sobreviver, muitas vezes é obrigada a destruir os recursos necessários para o seu próprio sustento devido a falta de informação e de formas alternativas de sobrevivência. Mas, para encontrar alternativas viáveis para essa questão, todos os países precisam atuar na tentativa de alcançar um estilo de desenvolvimento ambiental que não seja predatório, menos focado no viés econômico.

1.5 - Desenvolvimento sustentável e o paradigma homem x natureza

“Desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a capacidade de também atender às do futuro.” (Nosso Futuro Comum, 1987).

Meio ambiente e desenvolvimento sustentável ainda são palavras que geram muita polêmica, a expressão “desenvolvimento sustentável” tem sido largamente utilizada em diversos tipos de publicações, mas sem as ponderações e explicações necessárias. Nas palavras de Becker e Miranda (1997, p.17), “a aceitação generalizada do tema tem caracterizado uma postura acrítica em relação a dinâmicas sociopolíticas concretas”.

Para que tal proposta não represente apenas um “enverdecimento” do estilo atual, cujo conteúdo se esgotaria no nível da retórica, impõe-se examinar as contradições ideológicas, sociais e institucionais do próprio discurso da sustentabilidade. (BECKER e MIRANDA, 1997, p.17).

Essas contradições devem ser encaradas como desafios para os agentes sociais do mundo inteiro, já que no mundo globalizado a sociedade passa a ser planetária. Principalmente no que se refere à questões econômicas, grupos empresariais tem exercido forte pressão para utilização da natureza com o objetivo de obter lucro rápido através de ações de exploração dos recursos naturais de forma insustentável.

Segundo Santini (2006, pág.19), desde 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, onde o termo desenvolvimento sustentável surgiu pela primeira vez, as questões sociais e ambientais estão ligadas às questões econômicas e foi também nesse momento que o paradigma entre homem x natureza foi construído.

Se inicialmente o desenvolvimento sustentável pretendia ser abrangente ao englobar não apenas aspectos econômicos, mas também sociais e ambientais, hoje esta perspectiva é bastante mais ampla, e a noção de sustentabilidade incorpora as dimensões ecológica, ambiental, social, política, econômica, demográfica cultural, institucional e espacial. ... a expressão suscita muitos conflitos refletindo as diferentes visões de mundo dos diversos atores envolvidos o debate. (www.mma.gov.br)

Segundo a definição de Fritjof Capra (2003, P. 20), “uma comunidade humana sustentável deve ser planejada de modo que os estilos de vida, negócios, atividades

econômicas, estruturas físicas e tecnologias não interfiram nessa capacidade da natureza de manter a vida”.

Conceitos como desenvolvimento sustentável, estão cada vez mais presentes em discursos de empresas, governos e ONGs e mais recentemente, o “discurso verde” de diversos setores comerciais se tornou mais uma forma de comercializar a natureza, ao passar a imagem de empresa socialmente responsável e preocupada ecologicamente. Para Santini, esse discurso tem sido desmentido ao se observar a realidade.

É indistigável que as forças do Poder, em que pesem as proclamadas “intenções” de desenvolvimento sem esbanjamento de recursos e preservação da qualidade ambiental, têm sido amplamente desmentidas pela realidade das ações desenvolvimentistas e dos interesses econômicos de grupos. O caso do Amazônia mostra que não basta engendrar um novo discurso, ancorado em velhas práticas, para construir formas diferentes de relação entre sociedade e natureza. (Santini, 2006, pág. 47).

As empresas já perceberam a crescente importância que a sociedade tem dado às questões ambientais e aos produtos desenvolvidos sem a degradação da natureza e sabem que precisam agregar valor ambiental às suas imagens corporativas e aos seus produtos, pois correm o risco de perderem mercado ou terem mais dificuldade para aprovar novos licenciamentos. Borna comenta a estratégia das instituições públicas e governamentais na utilização do conceito de sustentabilidade como marketing empresarial.

O termo desenvolvimento sustentável virou palavra de ordem e senso comum, mas é preciso estar alerta sobre possíveis desvios de interpretação. Temos visto que o termo tem sido empregado muito mais como sustentabilidade econômica, e não ambiental ou social. O argumento é que, para haver desenvolvimento sustentável, é preciso primeiro, e sobretudo, haver lucros. Na verdade, são novas palavras para a velha idéia de que é preciso deixar o bolo crescer antes de pensar em dividi-lo. Esta receita de bolo tem sido extremamente útil para gerar acúmulo de riquezas, mas não para distribuir riquezas (BERNA, Vilmar Sidnei Demamam, 2007)

Segundo pesquisa do Ministério do Meio Ambiente e do Instituto de Estudos da Religião (ISER), de 2005, a preocupação do brasileiro com o meio ambiente cresceu 30% nos últimos 15 anos. Esta nova consciência tem gerado uma demanda como a atuação das ONGs, efetivação da lei ambiental, surgimento de novos veículos ou editorias especializadas, cursos, seminários e bibliografia sobre meio ambiente.

Pesquisa de opinião do ISER, que entrevistou 1.141 delegados participantes da "II Conferência Nacional de Meio Ambiente", entre 10 a 13 de fevereiro de 2005, também revela que entre os três principais problemas ambientais brasileiros o principal problema mencionado foi o desmatamento (28%), seguido de recursos hídricos/Água (13%) e falta de informação sobre meio ambiente (11%).

2.6 – Organizações Não-Governamentais: o surgimento dos movimentos ambientalistas no Brasil.

A Rio-92 também destacou a atividade de um segmento social preocupado com o ecossistema, as chamadas Organizações Não Governamentais, as mais conhecidas como Greenpeace, WWF, Imazon e Instituto Socioambiental, são ícones na luta contra a destruição do nosso planeta. Essas ONGs são instituições sem fins lucrativos que atuam em prol da preservação do meio ambiente e que estão sempre à frente nos protestos contra empresas que poluem e desmatam as florestas.

As ONGs têm se apresentado no cenário brasileiro como alternativas de exercício de cidadania e como atores políticos necessários para se alcançar o desenvolvimento sustentável, aquele que promoveria a um só tempo justiça social e equilíbrio ambiental. Sendo organizações movidas pelo interesse público e sem fins lucrativos, representam um lado da Sociedade Civil que está em contraposição ao mundo da produção que, de mãos dadas com o Estado, tem sido protagonista até aqui de um crescimento econômico desigual, socialmente injusto e degradador do meio ambiente. (Herculano, 2000, pág. 123).

O termo Organizações Não-Governamentais surgiu com as conferências da ONU e sua divulgação pela imprensa. As ONGs ficaram mundialmente conhecida por seus trabalhos e críticas à fala oficial dos governos. Suas principais características e objetivos são:

[...] tratar da emergência de uma Sociedade Civil a qual denominam como um Terceiro Setor, algo que nem é o Estado, nem é o mercado: é um setor privado, mas público, formado por institutos, associações, fundações e filantropias empresariais, cujo motor comum é o interesse público e a construção do bem comum e cuja organização almejaria a construção de uma 'sociedade civil planetária', transnacional. (op. cit Herculano, 2000)

O termo ONG foi mencionado na Ata de Constituição da ONU e consta no seu artigo 71, que seu Conselho Econômico Social poderia fazer acordos com organizações não-governamentais, daí surgiu a expressão.

Segundo Castillo:

É um conceito genérico, que pode se referir a centros de pesquisa, partidos, organizações sindicais, igrejas, associações profissionais, universidades, órgãos de setores populares, entidades de cooperação financeira internacionais ou localizadas no terceiro mundo e dedicadas especificamente a promover e realizar projetos de desenvolvimento (Castillo, 1982 caput Herculano 2000).

Selene Herculano, tenta conceituar o termo “ONGs” analisando três pontos.

Segundo ela, Ongs podem ser:

- 1) Entidades do Primeiro Mundo, que captam recursos para o Terceiro, viabilizando políticas de solidariedade. São às vezes apodadas, não sem certa mordacidade, como *Trangos* (ONGs transnacionais), *Quongos* (quase ONGs) ou *Bingos* (big, grandes ONGs).
- 2) Institutos e fundações do Terceiro Mundo, que recebem tais recursos da rede de solidariedade das ONGs do primeiro Mundo, e que buscam o desenvolvimento social, a animação e organização de atores políticos coletivos. Seriam as APDs ou SMPs (associações privadas de desenvolvimento ou a serviço do movimento popular).
- 3) As associações civis de cidadãos independentes, em torno de questões de interesse público.

As ONGs, tanto quanto os Movimentos Sociais são também auto-definidos como:

Espaços públicos por fora da esfera do Estado, responsáveis pela instituição de novos valores, normas e padrões de comportamento que questionam profundamente o atual modelo de desenvolvimento" e que por isso "são hoje, talvez, os atores potencialmente mais capazes de romper com a lógica individualista e predatória". (Fórum das ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, 1992, caput Selene Herculano)

Através dessa revisão bibliográfica se objetivou compreender como as diversas ligações institucionais, sociais, culturais, políticas e econômicas, questões intrínsecas relacionadas às questões ambientais, foram abordadas na imprensa brasileira no período de janeiro e fevereiro de 2008 e se os meios de comunicação cumpriram seu papel democrático, o dever de informar com qualidade, transparência e equilíbrio.

2. Metodologia

2.1 - Análise do Discurso: principais pensadores

Surgiu com Michel Pêcheux, em 1969, na França, em sua tese “*Analyse Automatique du Discours*”, com o objetivo de difundir o estudo das Ciências Humanas. Ele propôs o confronto entre as ciências, principalmente História, Psicanálise e Lingüística. (Disponível em www.reposcom.portcom.intercom.org.br, acessado em 09/03/2008).

O francês Michel Foucault também propôs questões semelhantes, mas com uma compreensão diferente, na sua obra “*Archeologie du Savoir*”.

O discurso de Pêcheux não é o discurso de Foucault. O que temos são vias, diferentes possibilidades de compreensão de um problema posto diferentemente por cada autor. O que significa que não há uma “teoria” mais aceita atualmente, mas sim caminhos teóricos que respondem e correspondem em parte às necessidades de reflexão que se apresentam. (reposcom.portcom.intercom.org.br)

Outros pensadores dessa técnica, Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau conceituaram a Análise do Discurso como “indispensável a todos os que se dedicam a analisar a construção e a desconstrução de sentidos presentes na fala e no texto”.

As palavras não servem apenas para expressar idéias e pensamentos, mas também para ocultá-los ou dissimulá-los. Aprender a decifrar as intenções do discurso – os enunciados e os silêncios – é uma técnica que interessa não só a especialistas da linguagem, mas também a jornalistas, historiadores, sociólogos, juristas, etc. (maingueneau, Dominique & charaudeau, Patrick, 2004, pág. 36).

Para entender como foram construídos os discursos da imprensa acerca do desmatamento na Amazônia e o desafio de unir desenvolvimento e preservação foi escolhido como técnica de pesquisa a Análise do Discurso. A importância dessa técnica para esta pesquisa é mostrar como funciona a circulação dos sentidos inscritos nas reportagens. “O objetivo da análise é descrever o funcionamento do texto, é explicitar como um texto produz sentido” (Orlandi, 2005, p.23).

Orlandi (*op. cit.*, pág.90) diz que a língua não é transparente, o texto é um conjunto de formulações entre outras possíveis, movimento do dizer face ao silêncio tomado aqui como o “a dizer” e não o vazio.

O princípio dessas práticas de leitura consistiria em levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar” a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária. (Orlandi, 2005, pág.60).

A Análise de Discurso foi importante para identificar quem são as fontes utilizadas pela imprensa, como o discurso foi realizado pelos jornalistas, que elementos constituíram esse discurso, como a ideologia interfere na produção da notícia, em que circunstâncias determinado discurso foi usado e de que forma o texto foi estruturado.

A distinção fundamental entre diferentes escritas está no fato de que a relação do sujeito com a linguagem e a história se coloca de maneira particular e explicita o fato de que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo por um processo que tem como fundamento a ideologia. (Orlandi, 2005, p.47).

Também foi observado na análise dos jornais os diferentes gestos de leitura e efeitos metafóricos contidos no texto, assim como outras maneiras de ler e de interpretar os sentidos. “Grande parte do discurso está implicada em estabelecer uma versão do mundo diante de versões competitivas” (Bauer, Gaskell, 2002, pág. 250). Para chegar a esse resultado foi muito importante o estudo das entrelinhas da matéria, ou seja, para que a pesquisa ficasse completa também foi analisado o que não estava sendo dito no texto. “O silêncio é garantia desta necessidade, pois o não-dito, o silêncio significa. Para compreender um discurso, devemos nos perguntar sistematicamente o que ele cala”. (Orlandi, 2005, p.130).

Como material de pesquisa, foram escolhidas as editorias *Ciência* & do jornal *O Estado de S. Paulo* e a editoria *O País* do jornal *O Globo*. Especificamente as matérias de meio-ambiente publicadas no período em que foi divulgado o Relatório de Desmatamento da Amazônia, em 23 de janeiro de 2008, pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Os objetos de estudo selecionados são veículos em que as pautas de meio ambiente estão bastante presentes, portanto há vasto material para análise de dados. *O Estado de S. Paulo* também foi um dos primeiros veículos a criar a editoria de meio ambiente no jornal impresso e on-line. O material analisado foi coletado no período de 1º de janeiro a 28 de fevereiro de 2008, período em que as discussões

sobre desenvolvimento econômico e o desmatamento da Amazônia estavam mais acirradas com a divulgação do Relatório. Ao todo foram analisadas 62 matérias, sendo 43 reportagens do jornal *O Estado de S. Paulo* e 19 do jornal *O Globo*. As matérias foram colhidas na biblioteca pública do Senado Federal em março de 2008 depois de analisado qual deveria ser o corpus ideal. O processo de procurar as reportagens e copiá-las levou um dia inteiro de trabalho.

3.2 – Relatório de Desmatamento da Amazônia, um estudo de caso:

Desde 1988, o Inpe produz estimativas anuais das taxas de desmatamento da Amazônia Legal através dos seus sistemas de detecção, Prodes (Programa de Cálculo do Desflorestamento da Amazônia) e Deter (Detecção de Desmatamento em Tempo Real). Anualmente é divulgado um Relatório, verificado de 1º de agosto a 31 de julho do ano seguinte, no qual os números apontam as regiões que aumentaram ou diminuíram seu índice de degradação.

Em outubro de 2007 o Inpe divulgou o primeiro Relatório com as estimativas de 1º de agosto de 2006 a 31 de julho de 2007. Mas foram apontados erros de computação dos dados que superestimava os resultados negativos.

Os dados mostravam que a taxa de derrubada da floresta havia aumentado 8% nos meses de junho a setembro em comparação com o mesmo período de 2006 - incluindo um aumento explosivo de 600% dos índices em Rondônia. A área desmatada de fato, porém, foi bem menor do que o divulgado. (ambienteacreato.blogspot.com, 28/01/2008)

Com o problema detectado – os sistemas de análise Prodes e Deter tinham computado algumas áreas desmatadas duas vezes - o primeiro relatório foi invalidado e foi divulgado o 2º Relatório de Desmatamento, em 23 de janeiro. Mas, mesmo com as correções dos dados, também foi verificado um aumento no desmatamento na região. De acordo com o novo relatório, o desmatamento em agosto na Amazônia foi de 243 km², e não 723 km², ou seja, 66% menos do que constava no documento divulgado em outubro.

Os dados do relatório de outubro tiveram enorme repercussão na imprensa nacional e internacional, provocando uma discussão entre os agentes envolvidos, sobre um dos maiores dilemas envoltos na preservação da Amazônia, o Desenvolvimento Sustentável – como unir desenvolvimento econômico com a sustentabilidade do meio em que vivemos.

A análise consiste em compreender o discurso dos diferentes agentes envolvidos, de como os diversos segmentos sociais, políticos, ambientalistas e econômicos desenvolvem suas idéias, defendem seus interesses e, principalmente como a mídia reage ao acontecimento, como divulga as informações, se é transparente ou imparcial e como constrói o discurso de vários atores nas matérias dos jornais.

Nesse espaço público representado pela mídia, a questão ambiental ganha vozes diversas, e novos sujeitos do discurso ecológico passam também a ser legitimados - entidades ambientalistas, governos e agências ambientais, entidades do setor privado, cientistas e tecnólogos. Esses sujeitos mobilizam o discurso ecológico (re)organizando-o e o (re)significando, em vista da realidade econômica e política, estabelecendo oposições que ao contrário de um eterno debate filosófico, expressam a constituição de sistemas discursivos descontínuos e muito diferentes, sob contextos sociais específicos. (BONFIGLIOLI, P. Cristina caput Coutinho, 2002)

A pesquisa propõe esclarecer como a mídia brasileira entende as práticas produzidas por diferentes setores da sociedade em nome do desenvolvimento e da preservação ambiental e como as notícias e dados sobre o desmatamento estão sendo transmitidas para a população. A identificação desses aspectos será possível tendo em vista a relação do repórter com suas ideologias e vivências sobre o assunto.

As palavras não se significam em si. Elas significam porque tem textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta, que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto faz parte dessa sua realidade. É assim que na compreensão do que é texto podemos entender a relação com a exterioridade, a relação com os sentidos. (Orlandi, 2005, p. 86).

Cada indivíduo tem sua maneira própria de escrever, elaborar idéias, interpretar dados e informações, com base em sua crenças, motivações e experiências. A maneira com que compreendemos o mundo é relativa e circunstancial. “Os analistas rejeitam a noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e tem convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (Bauer, Gaskell, 2002, pág. 244).

Ou seja, a forma como um texto é exposto e representado interfere diretamente na maneira como ele será compreendido. E um mesmo texto pode ser escrito de diversas maneiras em situações semelhantes.

A metáfora ilustra o fato de que a “montagem” de um conjunto implica em escolha, ou seleção, de um número diferente de possibilidades. É possível descrever até mesmo o mais simples dos fenômenos em uma multiplicidade de maneiras. Qualquer descrição específica dependerá da orientação do locutor ou escritor. (Potter & Wetherell, 1987, Potter et al, 1990)

A análise de discurso consiste em questionar nossa própria visão do que é certo ou errado. Nas palavras de Bauer e Gaskell, “fazer análise de discurso implica questionar nossos próprios pressupostos e as maneiras como nós habitualmente damos sentido às coisas” (Schenkein, 1978).

Quando um analista de discurso discute o contexto, ele está também produzindo uma versão, construindo o contexto como um objeto. Em outras palavras, a fala dos analistas de discurso não é menos construída, circunstanciada e orientada à ação que qualquer outra. O que os analistas de discurso fazem é produzir leituras de textos e contextos que estão garantidas por uma atenção cuidadosa ao detalhes, e que emprestam coerência ao discurso em estudo. (Bauer, Gaskell, 2002, pág. 255)

A técnica de análise do discurso será importante para analisar a politização da notícia e as divergências entre as idéias sobre desenvolvimento e preservação e como as várias versões são representadas nos jornais. Para isso será necessário entender quais são os dilemas e problemas presentes na cobertura sobre meio ambiente nos meios de comunicação. Além da técnica de análise do discurso ainda será feita uma análise comparativa entre os dois veículos, levando-se em conta o momento histórico e social em que os textos foram produzidos.

A imprensa, como instrumento que serve de mediador entre governos e sociedade, precisa ouvir o discurso oficial para dar respaldo às informações fornecidas, mas o que se pode perceber nos jornais, é que frequentemente esse discurso é reproduzido sem o equilíbrio necessário, sem ouvir outras partes envolvidas. Ao mesmo tempo, o discurso ecológico, cada vez mais presente na cobertura da mídia, tem feito com que a sociedade tenha mais familiaridade com a questão.

A partir da década de 1970, observa-se uma modificação do alcance dessa prática discursiva graças à evolução tecnológica dos meios de comunicação de massa. A vulgarização de conceitos e noções da questão ambiental, até então restrita aos seus lugares oficiais (ciência e governo) é trazida para próximo do público geral. A relação de dependência que o homem tem da natureza começa a ser significada como uma relação de causa-efeito devido o papel democratizante da divulgação de discursos atribuídos às mídias. (op. cit).

2.3 – Síntese das matérias analisadas

1 - O Estado de S. Paulo – Editoria Vida &

Período	Quantidade
16/01/08 a 26/01/08	8 matérias
27/01/08 a 07/02/08	15 matérias
08/02/08 a 18/02/08	12 matérias
19/02/08 a 28/02/08	8 matérias

Total: 43 matérias

2 - O Globo – Editoria O País

16/01/08 a 26/01/08	5 matérias
27/01/08 a 07/02/08	4 matérias
08/02/08 a 18/02/08	3 matérias
19/02/08 a 26/02/08	7 matérias

Total: 19 matérias

Total geral: 62 matérias

2.4 – Organização dos agentes do discurso ecológico nos jornais: fontes de informação

Entidades públicas / Governo	
	Presidente Lula Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva Governador do Mato Grosso, Blairo Maggi Secretário de Meio ambiente de Mato Grosso, Luiz Henrique Daldegan Secretário Executivo do Ministério do Meio Ambiente, João Paulo Capobianco Presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso, Rui Prado INPE INCRA Dep. Raul Jungman (PPS/PE) Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes Ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel Ibama Confederação Nacional de Agricultura do Brasil Governador de Rondônia, Ivo Cassol Associação Mato-Grossense dos Municípios Polícia Federal Instituto socioambiental Ministro de Relações Institucionais Embrapa

	Prefeito de Tucumã/PA, Alan de Souza Azevedo Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de São Félix Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia Deputado Fernando Gabeira (PV/RJ) Senador Jefferson Peres (PDT/AM) Deputado Chico Alencar (PSOL/RJ) Senadora Kátia Abreu (DEM/TO) Deputado Homero Pereira (PR/MT) Total: 30
Ambientalistas	Biólogos ONG Amigos da Terra Greenpeace Org. Conservação Internacional Imazon Total: 5
Sociedade em geral	Tiago Petroski, morador de Analândia do Norte Sindicalistas Total: 2

3. Análise dos Dados

A mídia exerce um papel de mediadora entre o homem e a realidade social em que está inserido. No caso do discurso ambiental, essa realidade é retratada e interpretada por diversos agentes, aqueles que defendem a preservação e aqueles que são mais favoráveis ao desenvolvimento. Todos eles se utilizam da imprensa para defender seus objetivos e interesses. A questão é: Como a mídia tem divulgado esses dizeres através dos interdiscursos anunciados por esse agentes? Partindo de um fato, a divulgação do Relatório de Desmatamento da Amazônia, que comprova o aumento no índice de desmatamento, será possível identificar o que, afinal, esconde o discurso da mídia acerca desse debate.

3.1 – O Estado de S. Paulo

Amazônia – “O desafio de unir Desenvolvimento e Conservação”

“Desenvolvimento econômico e conservação ambiental podem caminhar de mãos dadas, desde que o primeiro seja planejado e executado com o segundo em mente desde o início – o que não ocorre na maior parte das políticas públicas para a Amazônia”.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 16 de janeiro de 2008

É no conflito entre as dualidades crescimento x preservação, homem x natureza, que a narrativa se inscreve, revelando a disputa pelo poder. No primeiro significativo ‘políticas públicas’, está representada a pouca eficiência do governo em unir os aspectos econômicos e ecológicos. O discurso, feito por um biólogo e cientista, critica as medidas públicas adotadas para a Amazônia e a ausência de garantias de direitos humanos, como emprego e meios dignos de sobrevivência.

Sustentabilidade – “Clima e desmate ameaçam levar floresta ao colapso”

Cientistas descobrem os ‘pontos sem volta’ da Amazônia, a partir dos quais a selva vira savana

O Estado de S. Paulo, Vida &, 20 de janeiro de 2008

A palavra ‘colapso’, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, significa qualquer diminuição súbita de poder, de forças, o colapso de um banco, de uma nação. Assim como ‘pontos sem volta’ dá a entender que se o ambiente não for

cuidado o mundo como nós o conhecemos irá se acabar. Colocada como uma tragédia iminente, o desmatamento na Amazônia é socialmente visto como um crime, uma ação errada e que deveria ser corrigida pela instituição responsável, mas não está sendo. A relação de causa e efeito imediatamente busca uma solução ao tentar identificar um culpado, então logo surge o vilão – sendo representado pelo governo e por todos os agentes e órgãos que fazem parte dele. No trecho analisado, o especialista se apresenta como possuidor de soluções. Seu conhecimento científico aponta erros do governo e lança mais dúvidas sobre o que de fato poderá acontecer se a floresta continuar sendo destruída. Mas, o ‘é difícil prever’ gera desconfiança e inconsistência no anúncio, mostrando que o autor desse discurso também não é apto para afirmar e fazer previsões futuras.

“Ambiente – Desmatamento na Amazônia dispara e põe governo em alerta”

Foram derrubados 3.233 km² de floresta de agosto a dezembro; total pode chegar a 15 mil km² em doze meses.

“Estamos trabalhando em parceria com o Ibama e identificando e punindo os responsáveis pelo desmatamento”.

“Marina disse que já é possível dizer que o aumento do preço da soja, o avanço do gado na Amazônia e a derrubada de árvores para as siderúrgicas de ferro-gusa são as causas principais do desmatamento”.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 24 de janeiro de 2008

Primeiramente, o enunciado evidencia uma tendência da mídia em geral em divulgar números que, por si só, não dizem nada. O valor “3.233 km²” não representa nada para muitos leitores, que não conseguem identificar o que esse número significa de fato. Na frase do Secretário fica claro o discurso retórico comum a muitos políticos, do tipo ‘estamos resolvendo’, ‘vamos encontrar os culpados’, que são ditos que deixam mais dúvidas do que respostas. Por último, a afirmação da ministra Marina Silva demonstra sua ansiedade em apontar as causas e os culpados pelo desmatamento, discurso mais utilizado por quem não tem muito a dizer e uma forma de apontar o dedo para a direção oposta.

Amazônia ameaçada – Bancos oficiais não poderão dar crédito a fazendeiro que desmata

“(...) Lula teria exigido que as ações punitivas surtam efeito rapidamente. Em junho ele quer anunciar ao mundo que o desmatamento na Amazônia caiu graças as ações do seu governo”.

“eles deixaram a ministra sozinha diante de um pelotão de jornalistas nacionais e estrangeiros. (...) “Não é verdade que as pessoas estejam paradas. Mas é possível que exista alguém que torça para não dar certo”, disse Marina.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 25 de janeiro de 2008

Com a divulgação do relatório de desmatamento pelo Inpe, que teve grande repercussão nacional e internacional, mostrando como o Brasil tem destruído a Amazônia, houve certa apreensão por parte da sociedade quanto aos diversos problemas que podem ser provocados com o fim da floresta. A mídia, pelo menos a “grande mídia”, não cumpriu o seu papel como deveria. As matérias mostram como o discurso praticado pela imprensa é político e burocrático, sem contextualização, sem uma análise da notícia.

No caso acima, os significantes ‘exigido’ e ‘seu governo’ mostram o presidente Lula como uma figura autoritária, que está mais preocupado com o próprio mandato do que com o problema de aceleração do desmatamento. Existe também a presença do não-dito, que é a preocupação e urgência do presidente em desfazer essa imagem negativa, já que pretende vender produtos ecologicamente corretos como o álcool e o etanol ao exterior.

O trecho em que a ministra Marina Silva é deixada ‘sozinha’ é interpretado como ‘abandonada’ pelos outros agentes que deveriam estar ao lado dela. Mais que isso, o fato de estar acompanhada no início da entrevista e ser deixada sozinha depois, mostra intenção proposital. As palavras de Marina, “existe alguém que torça para não dar certo”, evidencia os desentendimentos dentro do próprio governo provocados pelas visões ideológicas de cada agente.

“Amazônia Ameaçada - Ministros divergem em entrevista”

Marina Silva e Reinhold Stephanes levam pito de Lula

O Estado de S. Paulo, Vida &, 25 de janeiro de 2008

O debate sobre o desmatamento da Amazônia é caracterizado como rixa política entre os principais agentes oficiais, a ministra de Meio Ambiente, Marina Silva, que aponta como vilões os agricultores e a produção de soja. E o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, que protesta contra a acusação e evita ter essa responsabilidade em suas costas. O enunciado também mostra como o discurso ambiental da imprensa é mais político do que ecológico e valoriza as divergências

do governo em vez de abordar a realidade na Amazônia, que é complexa demais para ser negligenciada.

Em 2005, governo já conhecia falhas

Segundo Paulo Adário, “o governo perdeu uma oportunidade enorme” ao não adotar em tempo medidas estruturantes. “É uma crônica da morte anunciada”.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 25 de janeiro de 2008

Os ambientalistas criminalizam o governo por ser ineficiente no controle do desmatamento e engrossam o discurso da ministra de Meio Ambiente ao responsabilizar a agricultura. No trecho ‘é uma crônica da morte anunciada’ os significantes fazem uma relação entre o aumento das commodities, que geram maior rendimento aos agricultores, com a expansão das áreas desmatadas, consequência do aumento na arrecadação da tarifa. Mais uma vez, a pecuária é apresentada como autora da devastação na Amazônia, papel que a imprensa intensifica ao dar voz somente aos agentes oficiais.

“Floresta Ameaçada - Crédito fácil do governo contribui com o desmatamento na Amazônia”

Prefeitos que lideram o ranking disseram que pode ter ocorrido “interpretação errada dos números”. “Acho que está havendo uma confusão entre queimadas autorizadas e desmatamentos”, diz Adalberto Navair, prefeito de Marcelândia.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 26 de janeiro de 2008

A sentença ‘governo contribui com o desmatamento’ coloca o governo como co-autor desse crime. Os indicativos dessa acusação seria o crédito liberado para que os agricultores tenham condições de produzir mais e, conseqüentemente, desmatar mais e o fato de já permitir legalmente o direito dos produtores desmatarem 20% dentro de sua propriedade. Na frase do prefeito Adalberto Navair, ele se utiliza da lei para dizer que as queimadas praticadas em seu Estado são autorizadas, que não há nada errado.

O discurso se encerra no conflito entre os personagens dessa história, a ministra incrimina os produtores de soja, o ministro da Agricultura e o governador, que critica o presidente, que joga a culpa nas ONGs. A ânsia de procurar culpados ganha um valor maior e empobrece o que de fato deveria ser colocado em questão. Neste caso, ‘dar nome aos bois’ se configura em uma atitude mais utilizada para

desviar o foco de que ninguém sabe ao certo o que deve ser feito e assumir que perderam o controle da situação.

“Taxa superestimada de desmate não altera novos resultados negativos”

Após consulta do ‘Estado’, diretor do Inpe reconhece que números divulgados em outubro estavam errados

“A notícia caiu como um balde de água fria sobre o Ministério do Meio Ambiente, colocando em xeque a competência do governo”.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 27 de janeiro de 2008

O enunciado ‘caiu como um balde de água fria’, se refere ao fato do governo depender de uma boa imagem político-ecológica para obter sucesso nos programas de bioenergia. A crise pode diminuir o interesse internacional pelo setor e prejudicar a expansão da produção. O erro provocado pelo Inpe fornece ao governo uma saída para não assumir os resultados de desmate e questionar a competência do Instituto.

Amazônia Ameaçada – Entrevista Blairo Maggi, Governador de Mato Grosso

‘Queremos saber a serviço de quem o Inpe está mentindo’. Governador contesta dados do órgão federal e diz que desmatamento caiu 20% em Mato Grosso.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 27/01/2008

Na entrevista do governador a briga para definir quem leva a culpa fica mais clara. Apresentado como governador de um Estado recordista em desmatamento, e sendo ele mesmo o maior produtor de soja da região, ele passa a ser descaracterizado como fonte confiável de informação, pois fala em interesse próprio. Nas palavras de Blairo Maggi ele afirma que o Instituto mente propositalmente para prejudicar o Estado, ficando subentendido que o erro foi cometido intencionalmente. A sentença ‘O desmatamento caiu 20%’ contradiz os dados negativos que foram divulgados anteriormente por números positivos, estabelecendo uma relação de sentido entre ‘minha palavra contra a sua’.

Boi e soja influenciam o desmate

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil repudia totalmente a ligação entre os fatores, o grande proprietário de terras na região é o próprio governo federal, detentor de 76% das áreas na Amazônia legal, devendo a este o ato de cuidar de suas próprias terras. (Nota da CNA)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 28 de janeiro de 2008

A disputa de poder e o conflito entre quem está certo e quem está errado mais uma vez aparece, agora com a presença de outro agente falante, a Confederação de Agricultura, que diz que se o desmatamento na Amazônia aumentou, logo o problema é do governo por ser o dono de mais da metade das terras. A gestão pública do governo das próprias terras é criticada.

PF aumenta efetivo na Amazônia e promete 'arrastão ambiental'

"O desmatamento na Amazônia Brasileira virou caso de polícia".

"O propósito do governo é estrangular o crime ambiental e pôr fim a essa escalada do desmatamento".

O Estado de S. Paulo, Vida &, 30 de janeiro de 2008

Reagindo às críticas da imprensa o governo se manifesta através de medidas de repressão aos desmatadores, representados por madeireiros, 'caboclos', garimpeiros, grileiros e pistoleiros. Os agricultores e assentados não aparecem na lista de criminosos. Nessa briga entre bandidos e mocinhos outro agente ganha voz, a Polícia Federal, que defende a atuação do governo no 'arrastão ambiental'. Um aparato tão grande de policiais para 'estrangular o crime ambiental' tem como finalidade atrair a atenção da sociedade e dizer que podem conter a devastação.

Lula diz que devastação é 'alarde' e cobra investigação dos dados do Inpe

Ao mesmo tempo, a ministra Marina Silva confirmava e garantia, em MT, a exatidão das informações do Deter

"É preciso investigar", afirmou Lula. Ele disse ainda que vai comprar briga com as ONGs se insistirem em ligar o crescimento da agricultura ao desmatamento.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 31 de janeiro de 2001

Para Lula o Inpe está errado, não há devastação, só um ‘alarde’ que não condiz com a verdade. Para Marina Silva, ‘a exatidão’ comprova o problema sem dúvida de erro. Lula também tenta inocentar segmentos que estão sendo apontados como os vilões: soja e assentados. ‘É preciso investigar’ faz parte do discurso retórico e estratégico para acalmar os ânimos e não alimentar o conflito com suposições. As críticas mais duras que partem contra o governo são das ONGs, por isso o presidente contra-ataca com uma ameaça de ‘comprar briga’. A defesa da agricultura é uma maneira de proteger o programa de biocombustíveis.

Amazônia Ameaçada – Serraria é encontrada em terras do Incra

Munido de aparelho GPS, o fiscal anotou as coordenadas da área e informou que vai notificar o Incra. “Aqui está tudo ilícito, a fiscalização chegou ao local por acaso”.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 31 de janeiro de 2008

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que deveria ajudar o combate ao desmatamento é ‘flagrado’ derrubando a floresta. Os assentamentos criados pelo Incra são vistos como má gestão governamental por não fazer de uma vez a reforma agrária. Os assentados se enquadram tanto como ‘vilões’, porque destroem a floresta, como ‘vítimas’, porque não tem outra forma de sobrevivência além de lucrar em cima de matérias-primas fornecidas pelo ambiente, como a madeira. É nesse momento que a crítica passa a ser mais social que ecológica.

Desmatamento – ONG e Inpe obtêm resultado diferente

“Seria importante que mostrassem como as estatísticas foram geradas. Não está claro para a sociedade como o Inpe chega a esses cálculos”. (Imazon).

“O comportamento do governo é esquizofrênico. Interessante que o Lula duvida de dados do próprio governo. E quando eles são positivos, mesmo sem ser recheckados, o governo sai batendo no peito. Quando são negativos, chama uma platéia para questioná-los”. (Greenpeace)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 01 de fevereiro de 2008

O discurso dos ambientalistas se intensifica e ficam mais duros. ‘Não está claro para a sociedade’ é interpretado da seguinte forma, um órgão que pertence ao governo, vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), que possui todo o conhecimento científico para rastrear o desmatamento na Amazônia, divulga dados

que ninguém leigo consegue entender, logo não pode questionar, por isso é exigido transparência.

No segundo trecho, é entendido que os dados do Relatório não foi surpresa para o governo, que ele já sabia que o desmatamento iria aumentar esse ano e mesmo assim contesta os dados. A relação entre o aumento do desmatamento e as eleições municipais que ocorrerão em 2008 evidencia a troca de favores políticos, em que o prefeito permite desmatar ou fecha os olhos para quem pratica essa ação em troca do voto.

O discurso de Marina Silva é solitário dentro do governo, o presidente e os demais ministros defendem o agronegócio, o desenvolvimento da economia do país através da atividade agropecuária. A ministra aumenta o tom para ser ouvida e os acusa de fazer 'rapina' na floresta. As acusações múltiplas caracterizam uma incompetência coletiva em que todos querem ter razão.

Amazônia Ameaçada - Afinal, o que é desmatamento?

"Ta vendo aquela área ali? É fogo, mas eles contam como desmatamento. A floresta continua em pé". (Secretário de Meio Ambiente do Mato Grosso)

Na matemática ambiental dos ecólogos, uma soma de troncos não equivale necessariamente a uma floresta.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 03 de fevereiro de 2008

A discussão em torno do que é ou não desmatamento mostra uma atitude do Secretário de Meio Ambiente do Mato Grosso como um desconhecedor do significado de uma floresta. É óbvio que o sentido de desmatamento é colocado como de destruição. Logo, se a floresta está em pé, mas está queimada e sem vida, ela foi destruída. 'Uma soma de troncos não é uma floresta' deixa claro que a discussão sobre o conceito de desmatamento é irracional e desnecessária.

Lógica local: não há mais desmate; não há mais mata

Prefeito admite que só restou 11,32% de floresta em Tucumã (PA) e culpa o governo pela situação crítica

"Aqui na minha cidade não há mais desmatamento. Não porque os fazendeiros decidiram preservar, mas porque não há mais nada que desmatar" (Alan de Souza Azevedo, prefeito de Tucumã).

"A culpa pelo desmatamento da Amazônia na região é do governo. Não há fiscalização, não há incentivo para a preservação, não há anda. Como o fazendeiro pensa no lucro e na sobrevivência, se tem uma área de mata pela frente, ele derruba".

O Estado de S. Paulo, Vida &, 03 de fevereiro de 2008

‘A culpa é do governo’ é uma fuga, uma forma de escapar da própria responsabilidade. O prefeito é o ‘presidente’ de seu município, força maior da cidade, portanto também é ‘governo’ e ‘culpado’. O lucro e a sobrevivência são colocados como mais importantes que a mata e o prefeito se apresenta como um agente passivo que acredita que seja sua obrigação combater essas ações criminosas e sim do ‘governo’, no caso o governo federal.

‘Morte’ da Amazônia pode ser irreversível em 2060

A sociedade pode estar vivendo uma falsa noção de segurança por causa de projeções sobre mudanças climáticas suaves. É uma situação cercada por grande incerteza.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 06 de fevereiro de 2008

Esse é o tipo de informação que mais polemiza do que acrescenta valor. ‘Morte’ é utilizada para provocar medo na sociedade e gerar pânico, acirrar as discussões, criar mais conflito. Se é uma ‘grande incerteza’, não deveria ser dito. Mostra uma tendência de fazer previsões futuras sem nenhum embasamento.

Contra desflorestamento, governo prepara anistia para desmatadores

Ante alta da devastação, idéia é reduzir área intocada das propriedades de 80% para 50% e reverter perda total

“A alternativa é uma forma de levar a paz ao campo e, enfim, resolver o problema do desmatamento”. (Reinhold Stephanes)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 10 de fevereiro de 2008

A anistia ocorre quando o poder público isenta de culpa quem tenha praticado ação delituosa, neste caso a lei permite que 20% das áreas utilizadas no campo sejam desmatadas, preservando os 80% restantes, o que na prática não ocorre. Ao modificar essa lei permitindo que em vez de 20% sejam permitidos o desmate de 50% é uma forma de anistia a quem não respeitou a lei e um bônus para que se desmate mais. Foi estabelecido um paradoxo, ao mesmo tempo em que o governo quer reduzir o desmatamento ele estabelece medidas que o incentivam. O governo entende que os 20% não são respeitados porque não é uma área suficiente para ser trabalhada e por isso os agricultores avançam além da cota, se essa área for ampliada não terão mais motivos para desmatar, o que não é garantido, pois a demanda por mais áreas tende a aumentar sempre mais.

A oposição aproveita o acontecimento para fazer o seu papel, o de polemizar a discussão. Com a finalidade de derrubar a ministra do cargo, vários oposicionistas se manifestam, o objetivo é não deixar o assunto morrer. De forma sensacionalista o 'holocausto ecológico' é colocado como catástrofe iminente por causa da incompetência do governo.

Após má repercussão, governo recua de anistia a desmatador

Os fortes indícios de aumento do desmatamento impõem a necessidade de se intensificar ações enérgicas. (Marina Silva)

"Não se trata de uma anistia, mas de um adiantamento do direito" (Capobianco)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 12 de fevereiro de 2008

O projeto do governo alimentou mais a polêmica e parece ter surtido efeito negativo diante da sociedade. Com a repercussão negativa, o jeito foi mudar de idéia. O trecho mostra ainda que o projeto foi planejado sem a participação da ministra de Meio Ambiente, que disse não saber do assunto. Já o Secretário Executivo do mesmo Ministério acredita que é direito dos produtores rurais desmatarem 50% antes de ter sido dado esse direito a eles, seria só um 'adiantamento'. Já que a área vai ser toda destruída mesmo, porque não destruir logo, pensa ele.

'Amazônia não é um santuário', diz Lula

"Não somos daqueles que defendem a Amazônia como um santuário da humanidade" (Lula)

"Milhões de pessoas querem trabalho, comer, ter carro e ter acesso aos bens produzidos". (Lula)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 13 de fevereiro de 2008

A declaração do presidente Lula deixa clara a opinião de que o crescimento econômico, o desenvolvimento do país não deve ser barrado por causa da Amazônia. Na prática ninguém descobriu como fazer isso, no nosso mundo capitalista em que as pessoas 'querem trabalho, comer, ter carro', a natureza sempre será uma pedra no caminho.

Só há dois caminhos que podem ser seguidos, há as categorias que vêm a Amazônia como um ótimo negócio, que pode ser explorado à exaustão, deixá-la em pé seria um desperdício. E há as categorias que defendem sua preservação, que

vêm a Amazônia como um verdadeiro santuário, destruí-la seria o fim do mundo. Quando Lula fala que 'não é daqueles que defendem a Amazônia como um santuário', ele se coloca no grupo que defende a Amazônia como bem de consumo. Ainda não é comprovadamente possível unir as duas coisas com tanto tem se falado nos discursos do governo e das empresas que se utilizam do conceito de 'desenvolvimento sustentável' para se promover.

Marina Silva: a equilibrista

"É a que mais se equilibra no meio do jogo de forças políticas poderosas e contraditórias que dominam o governo"

"Marina funciona como uma espécie de hipoteca com a comunidade internacional, o grande ativo do PT para o meio ambiente". (fonte of)

"Ministra é aposta para algum grande prêmio mundial em um futuro próximo"

O Estado de S. Paulo, Vida &, 17 de fevereiro de 2008

Apesar de todos os conflitos, a ministra Marina Silva é representada na imprensa como uma lutadora. O enunciado mostra que o presidente Lula mudou de idéia a respeito das questões ambientais que tinha quando era da oposição e que a ministra e o próprio partido as defende até hoje. Pode se interpretar que o meio ambiente é para o presidente um entrave em seus programas de governo, que só atrapalha. Quanto à ministra, subentende-se que o Lula só não demitiu a ministra do cargo ainda porque iria gerar mais problemas, para evitar incendiar o debate, por isso ela seria uma 'hipoteca' para o governo para com a sociedade.

Sua imagem foi fortalecida nacional e internacionalmente, como uma mulher que veio de origem pobre, que já sofreu muito na vida e que foi militante a vida inteira das questões ligadas à natureza. A última frase mostra essa popularidade ao considerá-la candidata a receber um prêmio, que de fato recebeu ao ser considerada uma das 100 personalidades capazes de mudar o mundo.

Pente-fino em fazendas custará R\$ 50 milhões

... apreendidos mais de 13 mil metros cúbicos de madeira ilegal... com o começo das retiradas das toras a população foi às ruas contra fiscais da Secretaria do Meio Ambiente do Pará e do Ibama.

Madeireiros dispensaram os funcionários, alegando que não haverá mais emprego para eles por causa dos órgãos ambientais.

O Estado de S. Paulo, Vida &, 20 de fevereiro de 2008

Depois de quase um mês em que foi divulgado o Relatório de Desmatamento da Amazônia, em 18 de janeiro de 2008, um novo agente aparece no discurso inscrito nos jornais, a população. Mas aparece não como um agente ativo, mas como vítimas e manifestantes. Em uma ação do governo para apreender a madeira retirada ilegalmente no Estado do Pará, a população se revolta.

Os madeireiros usam a população como massa de manobra, eles são influenciados a agir contra os órgãos ambientais com medo de perder o seu emprego, seu meio de sobrevivência. Mas esse conflito tem raiz muito mais profunda, o debate aqui é outro. A população não pode ser representada como criminosos e baderneiros, o problema é social. Esse é o único meio de vida dessas pessoas. Se lutar contra o poder é garantir a sobrevivência deles então é isso que eles vão fazer. O enunciado diz 'a população vai contra os órgãos ambientais', eles estão agindo contra a força do Estado que até então esteve ausente e quando aparece é para desapropriá-los do seu meio de subsistência.

Falta de fiscais emperra operação

Pelo menos 6 mil trabalhadores cumprem aviso prévio ou já foram demitidos

"Onde vou trabalhar? No comércio? Nem sei ler. Se tiver de deixar a madeira, vou voltar ao Maranhão, de onde saí porque não tinha trabalho". (Silvano Moraes, 29 anos, 2 filhos)

O Estado de S. Paulo, Vida &, 27 de fevereiro de 2008

Principais prejudicados, a população é ouvida pela primeira vez. A ausência de perspectivas é mais evidente. A crise social deixa os moradores perdidos, sem saber o que fazer.

Só 4% do território da Amazônia Legal é regularizado, diz estudo

Quem é o dono da Amazônia? A resposta é que a gente não sabe direito (Imazon)

Talvez esse seja o pior problema da Amazônia, o resto é consequência. Quando se puxa o novelo, a questão fundiária sempre aparece. (Felício Pontes, procurador da república em Belém).

O Estado de S. Paulo, Vida &, 28 de fevereiro de 2008

As citações demonstram a dificuldade de se controlar uma área tão grande como a Amazônia. A questão agrária, o número de assentamento sem registro, terras que ninguém sabe a quem pertence são apresentados como os principais

fatores que levam ao desmatamento. A Amazônia se torna terra de ninguém onde qualquer um pode chegar e pegar um pedaço pra si.

3.2 – O Globo

A viagem de Mangabeira

“Há duas idéias erradas para a Amazônia: a primeira é mantê-la como um parque para deleite da humanidade; a segunda, permitir sua exploração indiscriminada. (...) Transformando a Amazônia o Brasil se transformará”.

“A juventude do sudeste, a classe média ilustrada e a grande mídia querem uma versão mais light do projeto para a Amazônia e certamente vão considerar minha proposta heavy”.

O Projeto Amazônia defende a exploração controlada da floresta, com a “utilização rotativa das árvores, compensada por replantio equivalente”.

O Globo, O País, 16 de janeiro de 2008

‘A viagem’ de Mangabeira é um artifício textual para mostrar que ele está “viajando em suas idéias”. Pelo menos três pontos justificam essa ‘viagem’: o primeiro é que explorar a Amazônia sem destruí-la é uma idéia que ainda está no plano da imaginação, ainda não foi encontrada uma solução para colocar essa idéia em prática. O segundo é que Mangabeira apresenta ‘a juventude do sudeste, a classe média ilustrada e a grande mídia’ como pessoas que não sabem o que é a Amazônia, como se somente o nordeste do país soubesse dos problemas ambientais, como se a classe média não se preocupasse com isso e a mídia por defender a preservação da floresta e sempre ouvir os ambientalistas. O terceiro ponto é que ‘a utilização rotativa das árvores’ é impraticável. Uma vez destruída não adianta plantar de novo, a biodiversidade se perde, as árvores levam anos para crescer, o ambiente se transforma.

Desmatando como nunca

Carne e soja são vistas como vilãs: A estiagem prolongada e a alta no preço de commodities como carne e soja foram apontadas como as principais vilãs no aumento da devastação da floresta.

“É um momento em que ninguém está interessado em punir ninguém. Há mais complacência das autoridades”. (Capobianco)

O Globo, O País, 24 de janeiro de 2008

Assim como no primeiro veículo analisado o vilão é representado pela produção de carne e soja. O ‘voto de cabresto’ também é identificado no discurso.

Em período de eleição municipal ninguém mexe com os agricultores com medo de perder um voto nas urnas. ‘Complacência’ é significada como conivência política.

A soja da discórdia

Lula: “É um crime contra a economia”

O Globo, O País, 25 de janeiro de 2008

A briga ideológica entre membros do governo se trava a partir da responsabilidade atribuída a cada setor. O conflito é gerado ao tentar se identificar que é o culpado. Na frase de Lula, o crime praticado contra a natureza não é ambiental é econômico.

Lula desautoriza Marina

“É como se você tivesse uma coceira e achasse que é uma doença mais grave”.

Marina Silva: “Não se trata de alarde. Nós temos a convicção de que é preciso agir com urgência”.

O Globo, O País, 31 de janeiro de 2008

Lula tenta agir como o apaziguador e não acusar ninguém, nas palavras dele o grande aumento na área destruída na floresta no último ano não é nada tão alarmante e não precisa ser tratado como ‘uma doença mais grave’. A ministra ressalta que os agricultores promoveram a destruição, ela afirma de forma tão confiante que passa mais credibilidade.

ONGs reagem às provocações feitas por Lula

“Eu topo brigar com essas ONGs por causa disso. Vão plantar árvore no país deles”.(Lula)

“Plantar árvores na Europa ou nos Estados Unidos não resolve o problema do Brasil” (Geenpeace).

O Globo, O País, 01 de fevereiro de 2008

‘Vão plantar árvores no país deles’ é a maneira encontrada pelo presidente de evitar o debate, entendida como falta de argumento. As ONGs é a categoria que mais tem enfrentado o governo e tem feito isso com embasamento científico. ‘Brigar’ agora só pioraria a imagem do governo.

Amazônia em perigo

Para Assuero Veranez, da CNA, o desenvolvimento sustentável pertence ao mundo da ficção, “num paraíso ilusório da biotecnologia”.

O Globo, O País, 03 de fevereiro de 2008

O presidente da confederação Nacional de Agricultura comprova que o mito criado em torno do desenvolvimento sustentável não é real. É uma estratégia utilizada por diversos segmentos para poder explorar nossos recursos naturais sem serem incomodados.

Madeireiros derrubam operação

Populares incendiaram pneus para impedir que 15 caminhões contratados pelo governo do estado transportassem a madeira apreendida e guardada nas serrarias. Também ameaçaram por fogo nos caminhões.

O Globo, O País, 20 de fevereiro de 2008

Novamente a população é retratada como criminosos ao impedir a ação do governo contra a apreensão de madeira ilegal. Os madeireiros usam os moradores para defender seus interesses. A questão social não é abordada.

Cidade vive das motosserras

Entre os que ajudaram a desmatar a floresta está até o prefeito de Marcelândia, Adalberto Diamante (PR), um ex-madeireiro que foi autuado pelo Ibama.

O Globo, O País, 24 de fevereiro de 2008

A corrupção é apontada como um dos fatores causadores do desmatamento. O prefeito, que deveria coibir a prática ilegal, também age de forma ilícita. A população é influenciada a se revoltar contra a ministra e as ONGs por defenderem a permanência da floresta em pé.

A carência da população, a falta de informação, a falta de alternativas de trabalho faz com que a lei não seja respeitada. O sustento dessas pessoas precisa vir de algum lugar. A ineficiência do Estado e o isolamento da região são fatores que provocam a pobreza e a fome.

Conclusão

A qualidade de vida nos impulsiona a buscar o desenvolvimento econômico para obtenção crescente de bens de consumo, mas se esbarra cada vez mais no meio ambiente, pois sem ele essa 'qualidade de vida' almejada não seria possível. O discurso dos agentes oficiais, representado pela imprensa, expõe a possibilidade de um modelo capitalista em equilíbrio com nosso habitat. O conceito, mistificado como desenvolvimento sustentável, é negado pelos ambientalistas e pesquisadores da Amazônia como um sistema destruidor.

Nas narrativas analisadas, as dualidades entre o discurso político e ecológico e as divergências existentes entre os diversos atores políticos desse discurso é o foco da notícia. A exclusão da sociedade, mais especificamente da população mais pobre e carente, do debate público é evidenciada, a conclusão é que a sociedade não está representada na mídia, pois o discurso dos jornais valorizam a questão política em detrimento da questão social.

A abordagem dos textos é com enfoque na disputa de poder entre governantes para apontar quem é inocente ou culpado. Nas reportagens vários vilões foram apontados (soja, carne, gado, agricultores, madeireiros, assentados) na possível tentativa de mudar a direção do conflito. Mas pode-se compreender na análise dessa discussão que não existe um único fator que permite o desmatamento na Amazônia, mas a soma de diversos fatores relacionados à ineficiência da gestão pública, corrupção, falta de políticas públicas consistentes, pobreza, estrutura fundiária e educação.

Neste caso, compreende-se que o papel da imprensa como mediadora desse debate é imparcial, uma vez que a população não tem voz e nem espaço para defender seu ponto de vista. Ao contrário disso, a população é representada como manifestante e massa de manobra de grandes empresas. Essa conclusão pôde ser observada através da análise dos dois veículos. O Estado de São Paulo e O Globo abordam essa temática de modo semelhante, em ambos os casos a notícia ambiental foi politizada. A diferença que dever ser apontada é que o jornal O Estado de São Paulo abre mais espaço para reportagens ambientais, pois no mesmo período foram publicadas mais reportagens sobre o meio ambiente e a Amazônia.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Miriam Santini. *Quando a Palavra Sustenta a Farsa: O discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável*. Ed. UFSC, 2006.
- BECKER, Bertha e MIRANDA, Mariana. *A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável*. Ed. UFRJ, 1997.
- BERNA, Vilmar Sidnei Demamam. *Jornalismo ambiental em debate*. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>. Acessado em: 12/04/2008.
- _____. *Desafios para a Comunicação Ambiental*. Disponível em <http://www.fundacaoaprender.org.br/desafios-para-a-comunicacao-ambiental>. Acessado em 12/04/2008
- BONFIGLIOLI, P. Cristina. *Discurso ecológico e mídia impressa: análise de discurso de um acidente ambiental*, 2002. Monografia de Graduação - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Ed. Contexto. 2006.
- CUNHA, Sandra Baptista (org.) e GUERRA, Antônio José Teixeira (org.). *A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens*. Ed. Bertrand Brasil, 2003.
- FERREIRA, Evandro. *Desmatamento na Amazônia em 2007: INPE admite erros*. Disponível em: ambienteacreano.blogspot.com. Acessado em 28/01/2008
- HERCULANO, C. Selene. *Meio Ambiente: questões conceituais*. Niterói, 2000.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. *O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. Rio de Janeiro, Quartet, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique e CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*, ed. Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. Ed. Cortez, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacher, 2000.
- MARTIN, W. Bauer e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002, 3º edição.
- MELLO, Lilian Medeiros de. *O Formalismo entre os discursos das diferentes ecologias*. Curitiba, 2006. Tese de Doutorado (Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos sentidos*. 2. Ed. Pontes, 2005.

_____. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. 6. Ed. Pontes, 2005.

PELIZZOLI, M.L. *A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.

RELATÓRIO DO BRASIL PARA A CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE. *O Desafio do Desenvolvimento Sustentável*. Ministério do Meio Ambiente, 1991.

SODRÉ, Munis. *A televisão é a voz do mercado*. A Tarde, Salvador, 10 nov. 2002. Disponível em: <http://www.abert.org.br>.

TRIGUEIRO, André (org.). *Meio Ambiente no século 21*, Editora Sextante, 2003.

Anexos

1 - O Estado de S. Paulo – Editoria Vida &

Nº	Data	Espaço	Assinatura	Manchete
01	16/01/08	0% pág.	Sem assinatura	O desafio de unir desenvolvimento e conservação
02	20/01/08	50% pág.	Herton Escobar	Clima e desmate ameaçam levar floresta ao colapso
03	24/01/08	100% pág.	João Domingos	Desmatamento na Amazônia dispara e põe governo em alerta
04	25/01/08	50% pág.	Tânia Monteiro, João Domingos, Leonencio Nossa	Bancos oficiais não poderão dar crédito a fazendeiros que desmata
05	25/01/08	50% pág.	Ana Paula Scinocca	Terra em 36 municípios críticos será recadastrada
06	25/01/08	100% pág.	Cristina Amorim	Em 2005, governo já conhecia falhas
07	26/01/08	100% pág.	João Domingos	Crédito fácil do governo contribui com o desmatamento na Amazônia
08	26/01/08	70% pág.	Luciana Nunes Leal	Governo vai recadastrar 80 mil propriedades rurais
09	27/01/08	100% pág.	Herton Escobar	Taxa superestimada de desmate não altera novos resultados negativos
10	27/01/08	100% pág.	Lourival Sant'Anna	Entrevista governador Blairo Maggi: 'Queremos saber a serviço de quem o Inpe está mentindo'
11	28/01/08	30% pág.	Cristina Amorim	Boi e soja influenciam o desmate
12	29/01/08	90% pág.	Herton Escobar, José Maria Tomazela	Governadores e prefeitos querem revisão de dados do desmatamento
13	30/01/08	70% pág.	Vannildo Mendes, Tânia Monteiro	PF aumenta efetivo na Amazônia e promete 'arrastão ambiental'
14	31/01/08	100% pág.	Rui Nogueira, José Maria Tomazela	Lula diz que devastação é 'alarde' e cobra investigação dos dados do Inpe.
15	31/01/08	100% pág.	José Maria Tomazela	Serraria é encontrada em terras do Incra
16	01/02/08	90% pág.	Herton Escobar	ONG e Inpe obtêm resultado diferente
17	02/02/08	50% pág.	Alexandre Gonçalves	Controle de venda de madeira ainda é frágil
18	03/02/08	1 coluna	Herton Escobar, José Maria Tomazela	Afinal, o que é desmatamento?
19	03/02/08	100% pág.	José Maria Tomazela	A 49 km do Parque do Xingu, área vira cemitério de árvores
20	03/02/08	1 coluna e 1/2	Herton Escobar	Dado errado do Inpe gera polêmica
21	03/02/08	100% pág.	João domingos	Lógica local: não há mais desmate; não há mais mata
22	04/02/08	40% pág.	Sem assinatura	Desmate acelera aquecimento
23	06/02/08	80% pág.	Carlos Mendes	Desmatamento avança em reserva extrativista no Pará
24	08/02/08	40% pág.	Cristina Amorim	Derrubada de floresta elimina benefício de biocombustível

25	10/02/08	100% pág.	João Domingos	Contra desflorestamento, governo prepara anistia para desmatadores
26	10/02/08	1 coluna e 1/2	João Domingos	Da precariedade da MP à proposta da 'floresta zero'
27	11/02/08	100% pág.	Adriana Fernandes, Rosa Costa, Fabíola Salvador, Jamil Chade	Anistia é 'capitulação' do governo a quem desmata, afirma oposição
28	11/02/08	20% pág.	Alexandre Gonçalves, Filipe Serrano	Perdão é 'confissão de inoperância', diz ONG
29	12/02/08	80% pág.	João Domingos	Após má repercussão, governo recua de anistia a desmatador
30	13/02/08	60% pág.	Leonencio Nossa, Fabíola Salvador	'Amazônia não é um santuário', diz Lula
31	14/02/08	50% pág.	Eduardo Nunomura	Operação no PA autua madeiras ilegais
32	15/02/08	50% pág.	Eduardo Nunomura	Marina Silva quer vetar empréstimos a desmatadores
33	17/02/08	100% pág.	João Domingos	Marina Silva: a equilibrista
34	17/02/08	1 coluna	Cristina Amorim	Ministério optou por dar impacto a dados de desmate
35	17/02/08	100% pág.	João Domingos	'Chegamos à era dos limites'
36	19/02/08	70% pág.	Ana Paula Scinocca	Fazendas na Amazônia Legal terão de passar por cadastramento
37	20/02/08	70% pág.	Ana Paula Scinocca	Pente-fino em fazendas custará R\$ 50 milhões
38	22/02/08	40% pág.	Leonencio Nossa	Em evento, Lula defende agronegócio
39	23/02/08	20% pág.	Carlos Mendes	Protesto leva Força Nacional ao Pará
40	25/02/08	30% pág.	Carlos Mendes	Força Nacional chega ao Pará para reforçar megaoperação
41	26/02/08	70% pág.	João Domingos	Começa maior operação para tentar conter desmatamento na Amazônia
42	27/02/08	80% pág.	João Domingos, Carlos Mendes	Falta de fiscais emperra operação
43	28/02/08	90% pág.	Cristina Amorim	Só 4% do território da Amazônia Legal é regularizado, revela estudo

2 - O Globo – Editoria O País

01	16/01/08	100% pág.	Alan Gripp	A viagem de Mangabeira
02	24/01/08	100% pág.	Bernardo Mello Franco	Desmatando como nunca
03	25/01/08	100% pág.	Luiza Damé, Eliane Oliveira	A soja da discórdia
04	25/01/08	30% pág.	Bernardo Mello Franco	Ambientalistas concordam com Marina e criticam Stephanes
05	26/01/08	100% pág.	Evandro Éboli	Marina desafia produtores rurais
			Bernardo Mello Franco, Ilimar Franco,	

06	31/01/08	100% pág.	Soraya Aggege	Lula desautoriza Marina
07	01/02/08	1 coluna e 1/2	Sem assinatura	Pesquisador do Inpe confirma aumento de desmatamento
08	03/02/08	100% pág.	Bernardo Mello Franco	Amazônia em perigo
09	03/02/08	70% pág.	Bernardo Mello Franco	'O conflito tende a aumentar', diz presidente do Ibama sobre Amazônia
10	12/02/08	2 colunas	Evandro Éboli	Marina amplia ações contra desmatamento
11	15/02/08	20% pág.	Sem assinatura	Lista dos 150 maiores desmatadores do país será divulgada pelo governo
12	17/02/08	40% pág.	Ronaldo Brasiliense	Mais de 500 caminhões de madeira já cortada na Tailândia da Amazônia
13	20/02/08	100% pág.	Ronaldo Brasiliense, Jailton de Carvalho	Madeireiros derrubam operação
14	21/02/08	100% pág.	Ronaldo Brasiliense	Queda-de-braço na floresta
15	24/02/08	100% pág.	Evandro Éboli	Cidade vive das motosserras
16	25/02/08	100% pág.	Evandro Éboli	'O crime ambiental compensa'
17	25/02/08	100% pág.	Ronaldo Brasiliense	Madeireiras impedidas de atuar por 2 meses
18	26/02/08	70% pág.	Ronaldo Brasiliense	Amazônia: 300 policiais chegam a Tailândia
19	26/02/08	50% pág.	Evandro Éboli	Assentados exploram madeira ilegal em MT

Total: 62 matérias